



Gaiato



Visado pela Censura do Porto OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES Ano V - N.º 119 Preço 1\$00

Redação, Administração e Propriedária — Casa do Galato | Director e Editor: — Padre Américo | Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 828-Porto
PAÇO DE SOUSA | 18 de Setembro de 1948 | Vales do Correio para CETE

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

MAIS de Barcelos 100\$00. Mais na cidade do Porto um senhor que me manda entrar para a sua loja e entrega um envelope com 2.650\$00. Tudo muito caladinho, sem ninguém dar fé do sucedido. Eu também não sei quem este Senhor é. Sabe-o Deus e isso basta.

Estando eu ainda dentro da referida loja, entra um outro senhor, chegado há pouco de Moçambique, a dar a notícia de que é portador de um saco de arroz e um saco de açúcar, de João Ferreira dos Santos, para as nossas casas.

Mais no Banco Espírito Santo 500\$ de um anónimo. Mais do grupo Alegria pelo Bem Fazer, de Gondomar, depois de pagar todas as contas da sua passeata anual, mandou-nos o saldo 159\$80 a bem dos sem lar. Mais 100\$ de Casalaêlo. Mais de Gouveia uma peça de fazenda de lá. Quem dera que as mais terras da Serra, usassem a mesma linguagem... Sim. Pano para vestir os nossos rapazes.

Um destes domingos, em que andava ocupado nos peditórios, os habitantes da aldeia tiveram de ir à missa paroquial. No meu regresso, soube que uma grande parte d'êles faltaram ao preceito. Quiz saber. Falou a costureira: Não temos roupa decente e neste mês, vão muitos fiéis à missa, dos que estão por aí a veraneiar. Pois eu não sou da mesma opinião. Se eu cá estivesse, eles haviam de ir justamente como são. A vergonha não seria minha, sim, mas dos fiéis que vão à igreja. Seja como for, quem puder que nos mande peças de lá e de cotim e de riscado e de tudo quanto seja bom para cobrir os nus. Outra vez o Dr. Zequinha. O Dr. Zequinha a meter-se! A gozar!

Mais no Depósito uma data de coisas e de envelopes. Mais um caixote de Torres Vedras com coisas do arco da velha. Mais roupas de um amigo que tem como única doença uma grande neura. Ora isto não é mal que se apegue. Mais um devoto de S. Francisco de Assis que havia de oferecer uma imagem, mas, como já estávamos fornecidos, deu dois contos e quinhentos em vez. Mais aquêlê senhor que todos os anos, na Povoia, costuma lançar uma nota de mil escudos na saca da Esplanada. Como este ano não tivesse podido comparecer, veio pessoalmente à nossa aldeia entregar. Deixou-a na

redacção. O Avelino, entregou a nota mais o recado. Amigos certos. Amigos certos da Obra da Rua. Mais de M. J. uma nota de 100\$ em uma hora aflicta. Mais de Portimão, por encomenda postal, dois pentes para o Piriquito entregar aos dois redactores do famoso, quando tiverem outra vez caracois. Eu acho isto simplesmente admirável. Uma intromissão amorosa. A força do encanto. Luz em cima do alqueire.

Uma carta muito importante



É do Comandante do Posto da Polícia de Torres Vedras. Ora vamos a ver se diminuem agora as comedelas. Eu só queria que êle viesse à aldeia que tanto ama, que eu havia de lhe soltar os nossos chefes...!

Acerca da local publicada "Prevenção" do vosso jornal de 4 do corrente, sobre o miúdo que se dá pelo nome de JOSÉ FERREIRA, de 21 anos de idade, filho de pais incógnitos, natural do concelho de Lourinhã, criado no Bombarral, Santarém e em Vila Franca de Xira, cuja fotografia envio a V. R. foi visto nesta vila em 23-6-948 angariar assinantes para o "Gaiato" importâncias que gastava em seu proveito. Dado que lhe foi apreendido 93\$00 para o fim que evocava, após bons conselhos seguiu o seu destino. Sinais: altura 1,51, delgado, moreno, usando óculos com aro de tartaruga, tem uma verruga (cravo) entre os dedos polegar e indicador da mão esquerda, só tem barba no queixo e no bigode, cabelo castanho, estraga o calçado para os lados de fora, no calcanhar, "um andar miúdo franzino.

A fotografia dêste patife será em breve enviada e publicada nos jornais diários do Norte e da Capital.

Um dos dois castigados, por mais culpado, além da perda do cabelo, sofreu mais o castigo da prisão por tempo indeterminado. Prisão de porta aberta, já se vê. O rapaz cumpriu. Cumpriu bem. Nem sequer consentia que outros rapazes estacionassem à porta da cadeia. Vá-te embora que eu estou castigado, dizia.

Pois bem. Quando me pareceu suficiente o tempo do suplício, levantei-lho. Parece que o faltoso havia de me receber mal. Mas não. Ao ouvir a notícia dos meus lábios, olha-me em cheio, sorri de contente e diz: Já estava a arre-bentar. A justiça, faz amigos.

Mais por amor de Deus e do próximo 100\$. Eis a legenda que vinha na carta a mais a nota. Que coisa linda! Que amor perfeito! Deus e o Próximo. Eis o Sinai. Eis os Profetas. Aqui a verdadeira religião.

Mais eu que tinha feito encomenda de um grande painel de azulejo, a uma fábrica Cerâmica de Gaia, e vai ela, a fábrica, manda a factura de cinco contos e quê, e aonde havia de colocar o selo de recibo, declara-a sem valor comercial!! Ficou o fisco comido e eu muito contente.

Mais os 1.060\$ escudos mensais dos Funcionários da Sacony de Lisboa.

Mais uma máquina de escrever. Ainda não veio, mas nomeio-a para que venha. É para o Avelino; o chefe da redacção. O senhor doutor, como por cá lhe chamam. Realmente, quem tem à sua conta o manejo de uma tal correspondência como a da nossa casa, mal pode remediar sem um traste destes; uma máquina de escrever. Aqui se deixa o pedido. Vamos a ver o tempo que demora. Outra coisa que eu também desejo oferecer hoje aos meus estimados leitores, é o prazer máximo de ajudarem a pagar a factura das uvas do Douro, de que os rapazes teem feito merendas inesquecíveis, como noutro lugar se diz. A notícia vem sob o título Consoladele. Pois que esta palavra sirva a todos; aos que comem, aos que pagam e aos que o não fazem porque não podem—a Todos. São vinte e cinco notas de cem escudos. Dos vinte mil que nos teem, não há de haver um lote de vinte e cinco dêles que levante o seu rico dêdo e diga amen? Há-de haver, sim senhor, e prôquê, no próximo número veremos...!

E mais nada.



É para os livrar amanhã de trabalhos forçados, que hoje lhe oferecemos horas deliciosas de trabalho que eles amam.



A lenha, vai às padriolas, e aí deles se faltam com ela ós cosinheiros!

Mais viagens

Desta vez foram três os viajantes, que tantos são actualmente, os Padres da Rua. E assim, andou o P.º Adriano por S. Martinho do Porto, andou o P.º Manuel pelo Buçaco e Luzo e andei eu por Espinho e Póvoa.

Mendicantes. Itinerantes. Semeadores. A notícia agradável que tenho de relatar aqui, é que já se não dá ao homem, mas à obra. A obra é o facho. O fundador, a sombra. E' preciso que ela cresça, que ela seja e se faça cada vez mais nossa. Estas palavras, traduzem o pensamento de todos quantos puxaram pela carteira e deixaram cair migalhas nas sacas dos meus companheiros. Bendito seja o Senhor Deus de Israel.

S. Martinho, deu perto de nove contos, algo mais do que o ano passado. Luzo e Buçaco conservaram a média. Póvoa e Espinho um nadinha menos. Que este *menos* não meta medo a ninguém. Mesmo que fôsse nada, não devíamos ter medo. Os homens são incertos e até, por vezes, falham. Deus nunca. Nunca. Nunca. Se alguém fecha uma porta, ali perto abre Ele um portão. Portão quer dizer porta grande. Medida larga. E' da Teologia. Teologia de cór, isto é, do coração, que é a verdadeira ciência de Deus. Só pelo amor O conhecemos. De uma vez houve um homem que O definiu e disse que Deus é Amor!

Pois é verdade. Dá-se para a obra, tanto faz pedir o Padre Manuel como o Adriano como o Américo. Quanto me não alegro no Senhor!

Da Nazaré, chamaram um de nós. Foi o que estava mais disponível e colheu cinco contos. A' praia da Granja fui eu. Pedi na capela. Ali sim. São poucos, mas bons. Só dum envelope retirei cinco contos!

Viagens que jamais terminam. Viagens que nunca enfadam. Quem há-de dizer que o pão que damos às nossas crianças, vem todo de sementeiras perenes que o amor fecunda!

Uma consoladela

Esta palavra, ouvi-a da boca de um dos nossos do Lar do Porto, o qual tinha vindo fazer o fim de Semana a Paço de Sousa. Foi pêssegos. Como o Sergio andasse a colher pêssegos no pomar, este rapaz esteve e comeu quantos quiz, depois do que vem-me procurar, cintilante: *uma consoladela*. Mais consolado fiquei eu ao saber do que se tratava.

Agora são uvas. Uvas do Douro. Chegou a primeira remessa da primeira tonelada delas que ali compramos.

Vêm despachadas pelo caminho de ferro em caixas primorosas de trinta quilos cada uma. As merendas na nossa aldeia não se descrevem agora. Não há palavras. Mas os de fora compreendem perfeitamente o valor da uva como alimento adequado à natureza destes rapazes. Também compreendem os de fora, qual a nota subida destas merendas que são, como já aqui se disse, um premio colectivo pela fidelidade às uvas da quinta. Na verdade, em boa lógica, não devia escapar nem um cacho dos que pendem das nossas parreiras.

Tudo isto compreende-se perfeitamente a distancia, sim. Mas o chilrear, as disputas, as bulhas, o *sangue*, os nervos;—uma aldeia a fumar, isto é que não se pode descrever nem explicar a ninguém.

Uma consoladela. Oh *que consoladela* dizem os rapazes. Gosto desta palavra. Gosto que ela lhes saia do estômago. Se eles se sentem felizes muito mais me sinto eu.

Por muito que os eminentes educadores digam, nunca acertam, se não fizerem assim. Ir buscar do melhor, para dar igualmente aos bons e aos maus, é uma pagina formidável de pedagogia.

A desordem natural das merendas, é outra pagina que eles escrevem. O sentido dessas merendas, que todos necessariamente compreendem e aceitam, isso então é a iluminação.

Uma consoladela. Para eles, para os leitores, para o mundo. Uma consoladela de uvas.

Meus senhores e minhas senhoras; é absolutamente impossível, que estes rapazes não se prendam e não amem cada vez mais o terreno que calcam. Estes e todos quantos no mundo sejam assim tratados.

Pode ser que alguém não goste, como já tenho ouvido dizer, quando abatemos vitelas e galinhas e perús e outros animais criados por eles na nossa aldeia: *olha agora, fazer vadios*. Dizem o mesmo das nossas casas, a que chamam de luxo, e nunca vieram cá vê-las! Falam daquilo que ignoram. Pode ser que alguém não goste de

OFICINAS

As nossas oficinas!

Construiu se um edificio de raiz para o qual um Senhor do Porto nos ofereceu, ao tempo, cem contos, e este predio já prova ser pequeno.

Não cuidei jamais que dentro de tão curto tempo, havia de ver implantada na nossa aldeia esta vida espumante dos rapazes, interessada nas várias peças que vão chegando, oferecidas por pessoas inteligentes. A primeira foi um tear. Ainda não trabalha, mas *já fala*. Prende, estimula, alegra. E' roteado e discutido pelos mais espigados, não como coisa nova que apareceu, mas sim como fonte de trabalho. Trabalho que eles apeteçam. A seguir, são as peças para as oficinas de carpintaria. Três máquinas de rasgar madeira. Máquinas oferecidas por um modesto Industrial de algures, que tomou a peito o negócio, a pontos de instruir em sua casa o nosso carpinteiro chefe ao qual, além de o ensinar, pagou trinta escudos por dia! Espantoso!

O nosso carpinteiro é o António. O que perdeu o anel da namorada e me pediu se podia gastar oitenta escudos na compra de um outro, e eu disse-lhe que sim. Pois o António carpinteiro anda doidinho com as máquinas em casa e o saber trabalhar nelas.

Doidinho. Quer que eu compre madeiras, muitas madeiras.

E depois, quer ir ó Porto, fazer contratos com todos os Mestres que trazem ali obras e fornecer-lhes toda a caixilharia e mais e mais e mais...!

São os dezanove anos, bem sabemos, mas há em tudo isto uma grande verdade que vem a ser a recuperação total desta sorte de rapazes, pelo trabalho deles, por eles, para eles. Aqui é que está. O mesmo se diz do *Poeta*, o das oficinas de ferreiro, aquele que me deu cinco mil reis falsos no primeiro dinheiro que entregou; pois também o *Poeta*, não se cansa de angariar fregueses por estas redondezas. E o Zé Sá, que eu tencionava mandar para o comércio e resolvi colocá-lo a dar ó fole enquanto não chegasse a hora; pois Zé Sá já me veio pedir que o deixasse eu ficar na oficina. Que gosta muito de ser ferreiro. As nossas oficinas!

Este Zé Sá é o tal que teve de ser retirado do Porto, aonde trabalhava, por via de uma ama que ali tem...! E iria agora trabalhar para Coimbra, aonde não existe aquele perigo, mas estou a ver que já não vai por causa do fol. *Deixe-me ficar aqui*. Vamos a ver.

Aqui deixo hoje uma tão formosa quam importante pagina do livro da vida das nossas comunidades. Que todos a leiam. Que todos a saibam. Que todos marquem a sua presença. E' a reforma pelo trabalho. Alimentar aspirações doces e santas. Fazer homens de bem.

As nossas oficinas! Tão depressa vejo em bom caminho, aquilo que se me afigurava de extrema dificuldade! Como quem desfia contos do rosário. Como quem acende a candeia prá lumiar ao Santíssimo;—assim nascem as coisas, por disposição suave do Pai Celeste. Sim. N'Ele vivemos e somos.

Se esta obra é de todos, no capítulo oficinas é que ela, a obra, atinge o seu titulo amoroso de posse universal. E' de todos porque possui todos. Todos os corações. Todas as inteligências. Vem breve o dia em que vamos ter na nossa aldeia o martelo e a foicinha no sentido cristão do trabalho e da profissão. Já começou. Estamos no limiar. A's peças, junte-se o entusiasmo delirante do sangue novo destes rapazes. Aqui o indice. A transformação não tarda. Não tarda, meus senhores. Heis de ser testemunhas de vista, dentro de pouco tempo. Do farrapãozinho que mendiga e se perde na rua, vamos tirar o rapaz que se encontra e se valoriza, pelo seu trabalho, naquilo que é seu. Ninguém sofra duvidas.

Comprar não, que não posso. Não tenho capitais. Mas pedir madeiras, isso sim. Pedir no Porto, ós Senhores que as importam. Pedir parcelas dos navios que eles carregam. Não lhes faz falta e para a Nação, é uma riqueza

Visado pela Comissão de Censura

a gente ir por cachos à terra aonde eles são melhores.

E' que não amam. Não sabem a doçura de conhecer e chamar pelo proprio nome, hoje, aqueles que dantes, perdidos, chamavam e tornavam a chamar, sem ninguém que lhes respondesse. E' só por isso.



Dois amigos que sabem ocupar as horas de recreio.

De como se festejou o dia de anos do chefe da redacção do "famoso"

Ele fez dezassete no dia 30 de Agosto. Era Junho e já ele falava. Era Julho e isso é que era. Entrou o Agosto e então é que foi. Um relógio! Um relógio de pulso. Ele desejava em todo o modo um relógio de pulso. *Está bem*—disse eu—*Compras o relógio do teu dinheiro e eu dou-te um passeio de automóvel*. Assim aconteceu. No dia marcado, autónovel nas rodas, merendeiro atrás, Avelino com dois colegas da redacção, muito sol, muita poeira, muita alegria, e aí vamos nós. O meio dia desse dia, encontramos no monte de Canelas, à sombra dos pinheiros, sentados na carqueija. Vem a toalha, vem a cêsta, e tudo o mais de que se compunha a nossa refeição. Eu antes queria ter ficado em casa, pelos trabalhos e pela idade, mas os novos arrastam os velhos... Comemos. Fumamos todos um cigarro cada um, em que isso muito peze nas balanças pedagógicas! Tive ocasião de notar, com isso, qual deles tinha já fumado; e notei.

Vieram as duas horas, ou as catorze para andarmos com as contas em dia. Levantamos a mesa, arrumou-se tudo no *Morris* e nós também. Havíamos de ir por Penafiel e ali comprar o relógio, mas o Cete lembrou Lousada. Que em Lousada há um senhor muito sério, que vende relógios à fiança e disse e disse e disse. Venceu o Cete. Chegamos à vila, entramos no estabelecimento. Como eu tivesse lido nos jornais de um desastre de automóvel de que o tal *senhor sério* fôra vítima, quiz saber do seu estado, e só depois encetei o negócio. Aí vem uma grande caixa de relógios para cima do balcão e com ela vem igualmente a grande dificuldade: escolher.

Escolher um entre tantos! Se pudessem ser todos é que era bom! Avelino determinou-se, afinal, por um. Justou-se. Quinhentos escudos, mas por ser para a Obra, fazia-se um desconto de cincoenta mil reis. Dei a nota de quinhentos. Recebi o desconto, e quando estávamos para sair, um empregado da casa deu-me um recado: *O Sr. Lousada, dono da loja e vítima do desastre, oferecia o relógio*. Entregou por isso quatrocentos e cincoenta escudos. Avelino, que espontaneamente resolvera assistir à missa e comungar na capela da nossa aldeia em o dia dos seus anos; Avelino, digo, fez precisamente a mesma coisa no dia seguinte pelas melhoras de tão generoso quanto oportuno senhor.

Agora vem Guimarães ao roteiro. A Penha; uma vez no alto, marquei-lhes tempo; *uma hora de Penha*. Enquanto esperava por eles, á beira da penedia, uns senhores que passavam deram-me mais e mais e mais. Agora vem o regresso.

Passamos por Santo Tirso e fomos ós *jesuítas*. Compramos uma dúzia deles por quatorze mil reis e fomos comê-los fora da Vila, á beira duns campos e regados com vinho que sobrara do almoço. Era solposto quando chegamos a Paços de Ferreira. Entramos em duas casas. Ele pêssegos, ele melancia, ele cachos, ele pêras, ele cestos de maçãs para dentro do *"Morris"* e ele quinhentos escudos. A' noitinha estávamos na nossa aldeia. Assim fêz anos o Avelino da redacção este ano de mil novecentos e quarenta e oito. Pois que faça muitos assim, eis o meu desejo fervoroso.

Isto é a Casa do Gaiato



Encostado às paredes de mármore da «Ateneia», este rapaz está a dizer ao mundo que não tem família, nem casa, nem nada.

TEMOS dado ao mundo amplo conhecimento da natural e exuberante desordem que reina em nossas casas, mas hoje vamos dizer mais.

E' o *Príncipe*. E' o pequenino Joaquim, que foi achado algures por alguém e hoje péla sua inocência é o primeiro. E' o *Príncipe*. Pois bem; a governanta dos *batatas*, quando o deita na cama para fazer a cesta, tem de tirar a chave da porta e metê-la na algibeira! Eis a desordem. Se ela assim não faz, os rapazes vão por elle. O que vai mais depressa é o primeiro que o rapta. O *Príncipe* come nos joelhos de todos, da comida de todos, em todos os lugares! Já temos tido questões e amarguras e zangas e ameaças.

E agora um desabafo: eu, que sinto às minhas costas todo o peso da Obra, eu também queria participar nesta adorável desordem e não posso porque os rapazes não deixam. Elles levam o *Príncipe* todo e eu fico sem nada!

OS senhores lembram-se. Os senhores mais senhoras leitoras, lembram-se certamente do escândalo que deu aquelle dos nossos rapazes quando me pediu licença de comprar uma aliança de ouro para a sua namorada, caso este que deu nas vistas e foi muito falado. Pois agora há muito pior. Um caso muito pior. Um outro dos nossos, que também tem namorada e ganha pouco dinheiro, pede-me que o ajude a comprar uma aliança! Por esta notícia, não fica ninguém a saber se o rapaz foi atendido, mas se alguém concluir que sim, pode tirar daqui motivos de uma campanha desfavorável: *anda ele (eu) a pedir subsídios ao governo e esmolas ao povo para comprar alianças de ouro às namoradas dos moços, etc., etc., etc.* Sim. Muito se poderia falar neste sentido. Mas antes que outros o digam ou possam vir a dizer, quero eu aqui falar. Escutem: se nos lares da nossa terra, há filhos tão sinceros e tão amigos que levam estes casos ao conhecimento de seus pais, com

aquella mesma simplicidade que estes rapazes mos vêm expôr; se assim acontece, digo, temos o Bem implantado nas famílias. Se não, não.

O Sopo acaba de ser exautorado da sua missão de cicerone. Foi ontem, em tribunal. Tirou-se-lhe a carta. Eu cá ainda tentei pôr a minha mão, sim, mas as testemunhas de acusação eram todas de um falar e muito decisivos: *Ele refilta os senhores.*

O réu não merecia tanto. A razão que ele prestou era muito de aceitar: *eu já andava chateado!* Realmente, todos nós temos as nossas horas e quem, como ele, leva a semana inteira a trabalhar, não é muito que os domingos queira descansar e que se aborreça se o não deixam: *eu já andava chateado.* Não merecia tanto, sim, mas é que anda por detrás de tudo isto uma vingancinha dos seus colegas...

—[Ora a vingança é um prazer!

ONTEM, domingo, a nossa aldeia regorgitou. Acontece que o Joaquim de Cinfaes era um dos doentes e desatou a pedir tostões a todos quantos iam ó hospital.

Molestia, enfermeiro, vem ter comigo com uma mão cheia de moedas, ao mesmo tempo que denuncia o doente e dá notícia da ameaça que lhe fez, caso ele continuasse a pedir.

Isto foi de manhã. Ao meio da tarde, *Molestia* apresenta-se com nova remessa de moedas e disse o que tinha feito ó doente. Agarru nele e foi levá-lo ó palheiro, por cima da corte das vacas. Atirou-o para cima da palha, deu duas voltas à fechadura e grita cá de fora: *Olha, pede tostões às vacas!* A noiteinha, foi por ele e deitou-o no seu leito de doente.

Dois pontos a considerar nesta ligeira notícia: o estado do doente não inspira canseiras. A iniciativa particular é que marca.

SERGIO é, como todos sabem, o nosso chefe eleito. Sergio, no passado domingo, quiz ir jogar fora e pediu-me se o podia fazer. *Podes, mas deixa alguém no teu lugar.*

Vem a hora do jantar. Vem o fim da refeição. Estão todos: Sergio bate as mãos, impõe silêncio e anuncia:

Eu vou sair. Volto às seis e meia. Fica o Staca no meu lugar. Nisto, volta-se para o substituto e dá as instruções: *Olha que tu repara por tudo.*

Vóz poderosa. Vóz querida. Fala o chefe deles. Nomeia um rapaz dos delea. Podia ter-me nomeado a mim, que estava ali presente e gabo-me de saber alguma coisa daquilo; podia, sim, mas não. Não o fez. *Fica o Staca.* E ficou o Staca.

Resultado: Um mar de rapazes. Um mar de visitantes. Portas abertas. Caminhos desimpedidos. Staca a manter a ordem e eu regalado sem fazer nada. Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes.

Um caso, a propósito: Eu era seminarista. O meu prelado daquele tempo, tinha a paixão da questão operária. Amava as classes operárias. Criou uma associação. Deu-lhes a sede. Fez estatutos. Nomeou assistente religioso. Tudo muito bem. Mas parecia-lhe que a direcção havia de ser composta por estranhos. Pôz lá professores! Professores de cabelo!! Vem a primeira sessão. Os operários olham para a meza. Veem lá os senhores doutores. Nunca mais lá foram.

TODOS sabem que nós temos dois guardas da fruta, agora no tempo dela, que são dois rapazes que dentes mais e melhor a assaltavam! Pois temos sim senhor. São eles o Bartolo de Leiria e o Raul de Paços de Brândão. Os dias de semana, não tem elles grande trabalho, porquanto todos andam nas suas obrigações e pensam nelas. Mas o domingo é que é. Não se trabalha. A quinta é muito extensa. As ocasiões são perigosas... Alguns caem. Assim aconteceu no domingo passado. Os guardas escreveram os nomes e apresentaram em tribunal seis delinquentes. Comeram em público, e também comeram... à mesa dos Senhores e minha direita, os dois zelosos funcionários. A cada um o que é seu.

LEVAMOS à feira de Paredes os batatas. Foram no carro de bois. Foi o Rio Tinto. Eram nove e nove se venderam por um conto menos vinte. Um ficou em casa e despachou-se para um senhor de Pala, que no-lo comprou. O negócio foi muito falado na aldeia e o Arcuca, tratador das pocilgas, anda agora mais aliviado. Sergio, já pediu vez para ir fazer a próxima feira com uma vaca que temos para vender. Eu cá digo a tudo que sim e ando prá frente.

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

1 Una das coisas que o Pai Américo repetia nas suas palestras pela rádio e no famoso era o seguinte:

«Ainda um dia haveis de vêr os novos habitantes da Casa do Gaiato de Lisboa a vender alguns dos produtos da quinta, nas principais praças de Lisboa».

Esta promessa já se vai cumprindo embora a pouco e pouco. Todas as semanas o nosso hortelão arranja uma carradita de hortaliça para mandar para Lisboa. Por enquanto vai pouca, porque estamos com falta de água. Ainda assim, cada vez rende sempre mais de 100\$00. E' pouco porque também não temos carro para levar tudo para a praça. Quando nós tivermos um motor para tirar água, uns bois para puxar, lavrar, carros e charruas e umas vaquitas leiteiras para fazerem estrume; então é que vai ser. Ainda bem que não nos deram o jipi porque o que estamos a vêr é que é preciso uma camioneta maior.

2 Na quinzena antes desta, fui mais o Octávio ao Estoril vender «O Gaiato». Levamos 50 deles e vendemo-los todos. O pior foi um dia de fome. Quando chegamos aqui ao Tejal já passavam das 7 horas da tarde e só com o café que tomamos antes de sair. No domingo passado fui eu sózinho também vender e vendi os 50 mas custou. Foi outro dia de fome. E' preciso lá ir primeiro o Pai Américo para os senhores nos conhecerem.

3 Agora é que já passamos dos trinta rapazes. Cumprimos aquella promessa que fiz no Coliseu do Porto: «Por enquanto somos só trinta, mas antes que o ano acabe devemos ser muito mais». O que eu disse é o que se está vendo, já somos trinta e oito, mas não ficamos por aqui porque o ano vai a pouco mais de meio; os que têm vindo são frescos. Um mal se lhe toca, atira logo com calhau. Outro era ladrão, até já roubou um conto de reis. Outro passa o tempo a dizer mentiras. A's vezes diz mais de 50 por dia. Umás vezes diz que já foi a casa do Marechal Carmona, outras vezes diz que é muito rico e tem 500 ovelhas e uma loja de ferro velho. Mas agora vai melhor. Já disse há dias para um companheiro: Bem, isto já chega, tenho de começar a mudar-me.

4 O Manuel Pedreiro já me disse umas poucas de vezes: Tivestes uma boa lembrança pedires no Gaiato um relógio para ti, por fazeres anos, agora não te esqueças de mim. Eu disse-lhe:—Tens de esperar; eu já pedi primeiro e ainda estou à espera. Pois fiquem os senhores sabendo que o relógio faz-me muita falta. Quando vou vender o Gaiato, para saber as horas do comboio e da camioneta, e mesmo aqui. O relógio da Torre lá era velho no tempo de D. João IV. A's vezes adormece, outras vezes está toda a noite a dar horas até acabar a corda. Até era preciso um relógio de sala para saber os a quantas andamos.



Um carro de batatas para a cozinha. Outros as descascam. Outros são os que as cozinham—e todos os que as comem!